

# “NESTE MUNDO FORA DO MUNDO”: ESTIGMA E LITERATURA NAS ESCRITAS PRISIONAIS RECENTES

Maria Rita Sigaud Soares PALMEIRA\*

- **RESUMO:** Este artigo discute algumas questões da produção literária que surge a partir da experiência prisional de seus autores. Sustenta-se que a disposição material desses livros, publicados entre 2000 e 2002, e o modo como a matéria narrativa é ali enformada sejam indícios de que as narrativas do cárcere brasileiro tragam as marcas dos modos de sociabilidade daquele ambiente. Seus autores reconhecem-se na condição de presos, mas não deixam de almejar o estatuto de escritores. Para a compreensão desses escritos, recorre-se à noção de “estigma”, tal qual formulada pelo sociólogo Erving Goffman.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura brasileira contemporânea. Literatura carcerária. Prisão. Violência.

## Um

A escrita a partir da clausura aparece como um *tópos* na tradição literária ocidental. O silêncio e a solidão costumemente associados a esse tipo de trabalho encontrariam nos espaços fechados seu ambiente ideal (BROMBERT, 1975). A experiência do encarceramento, no entanto, lança por terra qualquer idealização a respeito desse espaço. À clausura forçada, vista muitas vezes como espaço que reuniria condições de trabalho desejáveis<sup>1</sup>, impõe-se a realidade carcerária, tão brutal como aniquiladora.

Há muito, os textos produzidos por escritores e intelectuais quando aprisionados costumam ser alvo de atenção das ciências humanas: os *Cadernos do cárcere* (1948) de Antonio Gramsci, as *Recordações da casa dos mortos* (1861) de Fiódor Dostoiévski, *A balada do cárcere de Reading* (1898) de Oscar Wilde, passando pelas não menos canônicas, se consideradas as letras nacionais, *Memórias*

\* FACAMP – Faculdades de Campinas. Campinas – SP – Brasil. 13083-970 – rita.palmeira@gmail.com

<sup>1</sup> Graciliano Ramos (2002, v.1, p.45) conta, em suas *Memórias do cárcere*, antes de ser de fato preso, mas quando já ouvia rumores de que sua detenção não tardaria: “A cadeia era o único lugar que me proporcionaria o mínimo de tranquilidade necessária para corrigir o livro [Angústia].” Essa percepção, evidentemente, se altera de todo quando Graciliano é levado à prisão.

*do cárcere* (1953) de Graciliano Ramos – é vasta a gama de livros produzidos por escritores e intelectuais a partir da prisão.<sup>2</sup>

Menos difundidos são os livros de homens que, depois de presos, passam a escrever, alçando-se assim à condição de escritores. Ainda que haja exceções, como a de Jean Genet<sup>3</sup>, os livros escritos por homens que se tornam escritores na prisão ou a partir da vida criminosa são bem menos conhecidos do grande público<sup>4</sup>.

No Brasil, há um número considerável de livros feitos por intelectuais a partir da prisão (em sua franca maioria, motivada por suas atividades e posições políticas), mas são poucos – ao menos até o início dos anos 2000 – os produzidos pelos chamados presos comuns.

A partir de 2000, livros escritos por homens presos ou recém-saídos da prisão ganharam as páginas dos suplementos culturais dos grandes jornais e revistas, fosse porque publicados por casas editoriais médias ou grandes (como Labortexto, Geração Editorial e Companhia das Letras), fosse porque parece haver, hoje em dia, maior curiosidade em torno da vida na prisão.

Os livros versam basicamente sobre o período em que esses homens estiveram presos. Além das próprias histórias de vida, trazem episódios protagonizados por companheiros, bem como dedicam uma boa parte de suas narrativas à descrição do espaço prisional, dos costumes, dos códigos de conduta impostos pelos próprios presos, dos valores compartilhados, do modo como faziam para vencer o tempo, do cotidiano em uma prisão.

Para tratar desses assuntos, esses autores faziam escolhas atinentes à disposição de elementos além do texto narrativo propriamente, ao incluírem fotografias, cartas e, algumas vezes, ao oferecerem espaço para que os chamados “aliados” também escrevessem.

Essa produção se mostrou dotada de algumas ambivalências: se, por um lado, a escrita a partir da prisão não negava a experiência prisional e miserável, assim como não deixava de atacar a “sociedade”, o “sistema” (modo como nomeavam aqueles que viam como responsáveis pelas más condições de cumprimento da pena); por outro, essa nova expressão literária parecia estabelecer no plano textual uma cumplicidade com a mesma sociedade e sistema recusados, porque capazes de

---

<sup>2</sup> Na lista de referências consulte: Gramsci (1999-2002), Dostoiévski (2004), Wilde (1997) e Ramos (2002).

<sup>3</sup> Cujas notoriedade possivelmente se deve em muito também, a despeito de suas qualidades literárias, ao estudo que lhe foi dedicado por Jean-Paul Sartre (Saint-Genet). A esse respeito, ver o artigo de Andrea Saad Hossne (2005): “Autores na prisão, presidiários autores. Anotações preliminares à análise de Memórias de um sobrevivente”.

<sup>4</sup> Um caso exemplar é o do norte-americano Edward Bunker, cujos livros vêm sendo publicados no Brasil pela editora Barracuda. De Bunker (2005), ver especialmente *A educação de um bandido*, um romance de suas memórias.

alçá-los ao estatuto de autores e tirá-los do passado marginal (nesse sentido, esses autores pareciam ver na escrita um caminho para a redenção social). A própria escolha do livro indicava essa aderência, que se dava a um só tempo em duas vias: a preservação da identidade carcerária e a necessidade de esquecê-la para poder continuar.

Essa ambivalência, que pode ser observada em diversos níveis, remonta a uma duplicidade que se poderia chamar de original ou constitutiva e que diz respeito à relação que esses livros estabelecem com o mundo interior à prisão e o mundo exterior a ela. Pode-se dizer que a escrita prisional procura ser fiel aos modos de sociabilidade do cárcere, o que implica o respeito aos códigos de conduta estabelecidos pelos próprios presos e o respeito reiterado pelos valores ali compartilhados.

## **Dois**

Atenho-me, aqui, a um aspecto importante à análise dessa produção: o título de autor que esses homens passam a reivindicar com a publicação de seus livros.

Na construção de suas narrativas, esses escritores procuram evidenciar a importância que teve a escrita durante a estada na instituição penal: é ela que irá diferenciá-los dos demais, garantindo-lhes um papel privilegiado no hierarquizado jogo das cadeias. Além disso, a escrita aparece como saída para vencer o tempo e evitar confusões com outros presos.

O narrador de *Diário de um detento*, de Jocenir, por exemplo, conta que, enquanto está preso, aos poucos vai sendo reconhecido por seus pares como alguém que sabe fazer versos (nesse sentido, os outros presos legitimam sua escrita, quando começam a lhe pedir que escreva versos e cartas para as suas famílias) e por ele mesmo (quando constrói para si a imagem de alguém que tem intimidade com as palavras, em função de um “dom” que outros também enxergam nele).

A facilidade com a escrita, ao mesmo tempo em que cria uma identidade prisional (a de alguém que sabe escrever bem, é capaz de fazer versos, mas que continua detido), destaca-o do conjunto de detentos, aproximando-o da função almejada de escritor. Nesse sentido, aproxima-o também do mundo exterior à prisão.

Além disso, trazer a escrita para o proscênio aparece como possibilidade de reintegração ao mundo além-grades:

A dor de cada um se transferia para mim, e de mim para o papel. Primeiro ouvia atentamente o que o companheiro dizia, procurava interpretar suas ansiedades, seus sonhos, seus desejos. Se o solicitante quisesse versos para a esposa, eu procurava compor como se fosse para minha esposa, para algum

amigo, procurava pensar em algum amigo, filhos, pensava nos meus, e assim sucessivamente. Incorporava nos versos minhas experiências que, sabia, eram as mesmas daqueles homens. Cada detento uma mãe, uma crença, cada crime uma sentença, cada sentença um motivo, uma história de lágrimas, sangue, vidas inglórias, abandono, miséria, ódio, sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo. Traduzia o cárcere com um lápis. (JOCENIR, 2001, p.97).

Quando Jocenir afirma que as experiências eram as mesmas (e, nesse caso, ele sendo um “homem de letras” é capaz de traduzi-las para o papel, o que o singulariza nesse conjunto) ou quando lança mão de um trecho de sua música famosa em parceria com Mano Brown (“Diário de um detento”), sinaliza que há uma experiência comum em jogo e que seu livro é o relato de “seu inferno”, que, por sua vez, é muito próximo ao de tantos outros.

A desenvoltura com as palavras lhe rende, então, para além da fama de homem das letras, um ofício – raro na cadeia e reconhecido como digno também fora dela. Assim, o tornar-se escritor e o vislumbre de uma recuperação por meio desse novo estatuto apontam para fora do cárcere, embora, para fazê-lo, Jocenir precise narrar **da** e **sobre** a cadeia.

### Três

Luiz Alberto Mendes (2001, p.477) escreve em seu *Memórias de um sobrevivente*: “Há também o fato de que, boa ou ruim, esta é a minha história. Quer dizer: sou o que resulta daí.”

“Mas eu não tenho vergonha de ser ex-presidiário, não. É a minha história. Acho que é por isso que essa história deve ser contada da maneira que aconteceu, porque é a história de cada um, ninguém se livra dela, ninguém tem outra pra contar [...]”, afirma André Du Rap (2002, p.106) em *Sobrevivente André Du Rap*.

Tanto na formulação de Mendes como na de André, percebe-se um modo ambíguo no tratamento da própria história. Ambos repetem “é a minha história”, no que parecem expressar certa altivez. Mas a ressalva é feita. Mendes pondera se se trata de história “boa ou ruim”, sugerindo que ele seja o “resultado” disso – portanto, se hoje ele escreve sobre o que houve do modo como escreve, é porque passou por tudo aquilo. Haveria, novamente, o elogio à experiência. Ao mesmo tempo em que expressa orgulho por sua trajetória de mudança, conversão, sugere saber que não pode recusar a pecha de “ex-presidiário” (ou, no caso de Mendes à época da publicação desse seu primeiro livro, de presidiário), dono de uma história que pode ser vista como boa, pelo que dela resultou, mas também ruim, pelos muitos percalços enfrentados.

André é mais explícito e diz “Mas eu não tenho vergonha de ser ex-presidiário, não”. O uso do “mas” já sugere um discurso contra o qual tenta se insurgir – o de vergonha da condição de ex-presidiário. Logo depois, justifica a necessidade de contar a sua história em um elogio às trajetórias no que elas têm de único: “porque é a história de cada um”. “Ninguém se livra dela” – o verbo é especialmente digno de nota porque remete não só à ideia de livramento da pena (e, nesse caso, a própria história é também uma pena), como também à ideia de que de outras coisas se pode escapar, mas não da própria história. Finalmente, “ninguém tem outra pra contar”, sentencia André, sugerindo, no que se mostra muito fiel aos ditames do cárcere, a fidelidade ao vivido e o compromisso em narrá-lo.

Humberto Rodrigues (2002, p.79), autor de *Vidas do Carandiru*, assim se refere à decisão de escrever: “Subitamente, não me sentia mais **como um preso**, mas como um pesquisador que havia se proposto a permanecer durante algum tempo num local de privações para elaborar um livro.” O preso é, aqui, colocado em oposição ao pesquisador. A escrita funcionaria, portanto, como modo de não assunção da identidade prisional, embora Rodrigues não tenha como se furta a ela.

A saída pela escrita poderia fazer parte do que Erving Goffman (1988, p.19) chamou de uma forma de o indivíduo estigmatizado “corrigir” a sua condição, “[...] dedicando um grande esforço individual ao domínio de certas áreas de atividade consideradas, geralmente, como fechadas a pessoas com o seu defeito.” O investimento na escrita seria, desse modo, uma maneira de tentar fugir ao estigma, mas, no que diz respeito à literatura prisional, também de reafirmá-lo.

Compartilho aqui a definição de Goffman (1988, p.14) para “estigma”: trata-se não de um atributo depreciativo, mas de “uma linguagem de relações”, já que “[...] um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso, nem desonroso.”

É preciso entender como o “estigma” é marca dessa reivindicação autoral e de que modo se concatena à ambivalência que mencionei no início deste texto.

## **Quatro**

Ainda segundo Goffman, é próprio ao indivíduo estigmatizado estabelecer uma relação ambivalente com o grupo a que pertence:

Dada a ambivalência da vinculação do indivíduo com a sua categoria estigmatizada, é compreensível que ocorram oscilações no apoio, identificação e participação que tem entre seus iguais. Haverá “ciclos de incorporação” através dos quais ele vem a aceitar as oportunidades especiais de participação intragrupal ou a rejeitá-las depois de havê-las aceito anteriormente. Haverá oscilações correspondentes nas crenças sobre a natureza do próprio grupo e sobre a natureza dos normais. (GOFFMAN, 1988, p.47).

Pois bem. A literatura carcerária produzida nos últimos anos se funda em ambivalência semelhante. Ao depender das instâncias de legitimação, para que sua trajetória (ou “carreira moral”, para continuar com Goffman) possa ser contada e transformada (afinal, tornam-se escritores), esses autores fazem um movimento de diálogo com o mundo exterior à prisão, que, por sua vez, pode reconhecer aquele discurso, mas que dificilmente o entenderá além da perspectiva prisional.

Na tentativa de livrar-se da pecha de presidiário, esses homens procuram construir para si, por meio da escrita, um novo caminho no momento em que se sentem investidos da condição de autores. A experiência prisional, no entanto, é tão extremamente disciplinadora que eles não podem se furtar a narrar **a partir da** prisão, mesmo se já fora dela.

Narrando a partir da prisão, constroem uma perspectiva que, ao mesmo tempo em que dialoga com os pares, confirmando o pertencimento ao grupo, procura escapar à condição limitadora. A escrita produzida a partir da prisão revela oscilação entre o sentimento de seus autores quanto a pertencer e não pertencer a um grupo.

A escrita prisional não reitera o pertencimento quando seu autor se torna um escritor publicado: aqui, afasta-se do grupo não só pela destreza com a escrita e o que vem com ela (afinal, posta-se como observador privilegiado), como também pela inserção – ou possibilidade de inserção – por meio da edição de sua história, quando é alçado à categoria de autor.

Por outro lado, reitera o pertencimento ao grupo, quando faz valer na sua escrita os valores (solidariedade e fraternidade, por exemplo) e condutas (não delatar, não testemunhar, não deixar de pagar dívidas, não deixar de cumprir as tarefas etc.) próprios ao cárcere. Também quando é capaz de solidarizar-se com o sofrimento alheio e escrever a história do companheiro, colocar em seu livro uma foto sua, ou simplesmente louvá-lo como sujeito digno. Reitera, ainda, seu pertencimento a partir do estigma de “presidiário”, que acompanha a recepção desses livros, bem como o seu próprio discurso. Não se trata, contudo, de discurso solidificado, porque há uma aposta num porvir não estigmatizado, embora, paradoxalmente, esses autores tenham que narrar a prisão, entendida aqui, de acordo com Myriam Castro (1991, p.58), como “um lócus que, embora faça parte do contexto social global, está fora dele, não só pela sua circunscrição jurídica como pelas suas práticas específicas” (daí a costumeira fidelidade dessas narrativas às formas de sociabilidade do cárcere).

Em trabalho sobre o mundo do crime e a prisão publicado em 1979, José Ricardo Ramalho (1979, p.91) dizia que:

Sem poder romper com a ideologia da qual participa e segundo a qual certas pessoas pertencem ao *mundo do crime* e são voluntariamente irrecuperáveis, não reeducáveis e não reintegráveis à sociedade (*trabalho e família*), cada

preso, na verdade, nega essa ideologia quando a recusa para si, através do artifício simples de afirmá-la para o outro. Ele não pode romper com o modelo, porque isto implicaria o próprio desvendamento da sua condição – da condição dentro da qual ele existe *na e para* a sociedade. Não podendo romper com o modelo, também não pode aceitá-lo para si, o que seria a afirmação (realista) dessa condição (ou de suas implicações: nasce no *crime*, morre no *crime*).

Torna-se, assim, ainda mais notável que, na literatura produzida a partir da prisão, uma literatura que precisa ser lida como tentativa, por parte de seus autores, de reinserção ao mundo além-grades, o estigma seja explicitado e incorporado como seu traço definidor. Com isso, a literatura feita a partir da experiência prisional incorpora a própria imagem marcada, indicadora de uma série de características desabonadoras.

Lançando mão do livro (no que se destacam do que se espera do ambiente prisional), esses autores conformam-no às necessidades impostas por essa “microsociedade” (porque precisam honrá-la, sob risco de se tornarem desleais aos companheiros). A recente literatura carcerária atualiza e, em certo sentido, torna mais complexa a situação descrita por Ramalho, quando de algum modo propõe uma identidade paralela à do presidiário, qual seja, a do escritor.

A publicação do livro deve ser vista, portanto, como uma espécie de “investidura”, para usar a nomenclatura de Bourdieu (1998). É quando aqueles homens são investidos da condição de autor, o que significa uma passagem de condição, ainda que o que suscite a obra seja a experiência estigmatizada, qual seja, a prisional. Mas até mesmo aqui é possível compreender essa produção por um viés dobrado: se no momento em que se tornam autores, chancelados por casas editoriais, por prefaciadores e por resenhas em jornais de grande circulação, ganham evidente prestígio, não conseguem, por outro lado, romper inteiramente com a pecha de autor-presidiário. A experiência do confinamento aprofunda esse jogo perverso de mercado porque é, como procurei mostrar, constritora.

PALMEIRA, M. R. S. S. “In this world, out of the world”: stigma and literature in recent texts written by prisoners. **Itinerários**, Araraquara, n.32, p.75-82, Jan./June 2011.

■ **ABSTRACT:** *This article discusses literature produced by prisoners. I argue that the material framework of books by prisoner-authors, published between the years 2000 and 2002, and the manner in which the narrative substance is construed, show that this kind of narrative evidences the sociability of that environment. These authors make claims both to their prisoner condition and to a writer status. Ervin Goffman's concept of “stigma” is applied for an understanding of these writings.*

■ **KEYWORDS:** *Brazilian contemporary literature. Prison literature. Prison. Violence.*

## Referências

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1998.
- BROMBERT, V. **La prison romantique**: essai sur l'imaginaire. Paris: Librairie J. Corti, 1975.
- BUNKER, E. **A educação de um bandido**. São Paulo: Barracuda, 2005.
- CASTRO, M. M. P. de. Ciranda do medo: controle e dominação no cotidiano da prisão. **Revista USP**, São Paulo, n.9, p.57-64, mar./maio, 1991.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Recordações da casa dos mortos**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- DU RAP, A. **Sobrevivente André du Rap** (do Massacre do Carandiru). Coordenação editorial de Bruno Zeni. São Paulo: Labortexto, 2002.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002. 6 v.
- HOSSNE, A. S. Autores na prisão, presidiários autores. Anotações preliminares à análise de Memórias de um sobrevivente. **Literatura e sociedade**, São Paulo, n.8, p.126-139, 2005.
- JOCENIR. **Diário de um detento**: o livro. São Paulo: Labortexto, 2001.
- MENDES, L. A. **Memórias de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RAMALHO, J. R. **Mundo do crime**: a ordem pelo avesso. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- RAMOS, G. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- RODRIGUES, H. **Vidas do Carandiru**: histórias reais. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- SARTRE, J.-P. **Saint-Genet**: ator e mártir. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- WILDE, O. **A balada do cárcere de Reading**. São Paulo: Nova Alexandria, 1997.

Artigo recebido em 09/09/2010

Aceito para publicação em 08/03/2011

